

Cônego destaca luta pelos ideais

Durante a missa solene em homenagem ao Centenário de **O Estado de S. Paulo**, celebrada às 18 horas de ontem na Catedral Metropolitana de Campinas, pelo arcebispo d. Antonio Maria Alves de Siqueira, com a participação do coral da Universidade Estadual de Campinas, o cônego Amaury Castanho, catedrático do Cabido Metropolitano, destacou o significado da cerimônia e salientou a luta deste jornal, durante sua vida independente, a favor da liberdade de expressão e dos ideais democráticos.

Na íntegra, foi o seguinte o pronunciamento do cônego Amaury Castanho:

"Recebi, honrado, o convite do Pastor desta Arquidiocese, d. Antonio Maria Alves de Siqueira e do chefe do Protocolo da Prefeitura Municipal de Campinas, para falar nesta celebração religiosa de ação de graças pelos 100 anos, marcantes e fecundos, de **O Estado de S. Paulo**, no jornalismo e na vida nacional. Direi, com simplicidade, uma palavra como sacerdote, como campineiro e como jornalista.

Justifica-se, por acaso, esta solene liturgia de ação de graças, oficial e com a presença de um arcebispo, ao ensejo dos 100 anos de um órgão da imprensa paulista? Não tenho dúvidas. A centenária presença de **O Estado de S. Paulo** no panorama jornalístico, social, político e cultural brasileiro, não tem sido apenas marcante. Foi e continua sendo altamente positiva. E é preciso agradecer a Deus, fonte de todo bem, por isso. Diria, antes, que recai sobre a própria Igreja o sagrado dever desta liturgia eucarística — Eucaristia significa, em primeiro lugar, rito de gratidão a Deus — pois, à margem alguns poucos problemas, é certo que a centenária e grande empresa jornalística e seu principal órgão escrito, tem colaborado, poderosamente, na difusão de ideais visivelmente evangélicos, como o da Fraternidade, da Justiça e da Paz.

Se os amigos me permitirem, lembraria, como dois dos gestos concretos da benevolência de **O Estado de S. Paulo**, para a Igreja da absoluta maioria de nosso povo e de seus lei-

tores, o destaque para os documentos da Santa Sé e de nosso Episcopado, bem como a destacada coluna semanal "Movimento Religioso", confiada, hoje, à pena lucida de conhecido e atuante jornalista católico da Capital.

Assim, este momento e este rito cabem muito bem no cenário desta Catedral de Campinas, jóia artística em que Vitoriano dos Anjos deixou nos entalhes e rendilhados de seus altares, a marca de seu gênio, onde os campineiros de 1807 reafirmaram sua audácia, decidindo-se à construção de um tal monumento quando a comunidade urbana contava, apenas, 4 mil habitantes, e sua fé, jamais desmentida. A Igreja de Deus em Campinas, não poderia, sem injúria, alheiar-se ao evento, realmente histórico, dos 100 anos de **O Estado de S. Paulo**, de origens modestas mas de presente tão pujante.

Como campineiro, confesso que já vinha estranhando a demora em a Cidade prestar à família Mesquita e ao centenário órgão da imprensa brasileira, a sua homenagem oficial. Afinal de contas, não era campineiro Campos Sales, um dos fundadores da **Província de São Paulo**, folha republicana e civilista, à qual se liga, por laços bem definidos, o atual **O Estado de S. Paulo**? Não nasceu nesta Cidade, que lhe prestou a homenagem de uma de suas mais importantes artérias públicas, o perspicaz empresário, o valente jornalista, o sofrido patriota que foi Julio de Mesquita? E por laços de toda ordem, não continuam unidos ao passado, ao presente e ao futuro da Princesa D'Oeste, os atuais descendentes da honrada e digna família?

E' com satisfação, portanto, que vejo minha Campinas redimir-se de sua omissão, melhor de sua delonga, em prestar ao **O Estado de S. Paulo** e à família Mesquita, esta justa homenagem da Cidade. Somando o que têm de melhor, o Executivo, que se desincumbe do próprio mandato popular com tanto acerto e o Legislativo, à frente seu novo e ativo presidente, oficializaram estas homenagens que toda Campinas, pelos seus legítimos representantes prestam a um dos dez mais importantes órgãos da im-

prensa internacional.

E aqui, finalmente, a palavra do jornalista. Se não me falha a memória, sou leitor de **O Estado de S. Paulo** desde os meus 11 anos, quando iniciava minha formação eclesiástica. Acostumei-me à sua leitura quotidiana, de tal modo que não me foi fácil, de 1945 a 1951, quando em Roma, ausente do País, renunciar ao enraigado hábito. Somente o **L'Osservatore Romano** conseguia, então, saciar a sede de informação e o gosto pelo jornalismo que aflorou, bem cedo, em minha personalidade. Retornando ao Brasil, não me recordo, honestamente, de um só dia em que não tenha folheado o **O Estado de S. Paulo** e, de anos para cá, também, o moderno e vibrante **Jornal da Tarde**. Nenhum outro órgão de nossa imprensa diária — e, por dever de officio, leio pelo menos cinco quotidianos — substitui, para mim, os dois órgãos.

Perdoem-me, amigos, estas digressões de sobremesa, de cunho pessoal. E' que sempre encontrei nos dois jornais paulistas, uma soma de informações, uma técnica jornalística, tais ideais, tão agudo senso crítico e interpretativo dos fatos da vida nacional e internacional, que não consigo, literalmente, não consigo passar sem sua leitura diuturna. Silenciando sobre o que disse há pouco, com sinceridade, permiti-me, por mais alguns instantes, destacar os ideais persistente, corajosa e sofridamente sempre defendidos pelo **O Estado de S. Paulo**, em sua longa e respeitada historia.

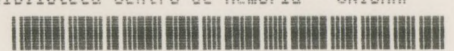
Quem desconhece, quem poderá negar, que o grande matutino emerge no Brasil como o órgão de nossa imprensa que melhor se tem batido pelos ideais humanísticos e democráticos? Pode-se, é certo, discordar de algumas de suas opções concretas. Jamais, porém, da pureza das ultimas intenções, de seus diretores, de seu corpo redatorial e da elevação de seus objetivos. A pessoa, seus sagrados e intransferíveis direitos, entre eles o direito de informar-se, de opor-se, o direito à própria imagem, à própria integridade física e mental, o de defesa e tantos outros, têm encontrado nos editoriais, enquanto possível, no texto e nas entrelinhas do generoso noticiário de cada edição, uma posição inequívoca. Podemos todos or-

gular-nos de um jornal que jamais ensarilhou armas, quando esteve em jogo a sorte do Homem, feito à imagem e semelhança de Deus, obra-prima da criação, ao qual cabe, indistintamente, um primado no Universo e na Sociedade. E' por esse motivo que nestes 100 anos, quem feriu o Homem, também fez recair sobre **O Estado de S. Paulo** e a Família Mesquita, sua mão forte...

Ressalto, ainda, a luta jamais interrompida, da grande empresa e de seu centenário jornal, pela democracia. Todos estamos convencidos de que a democracia, justamente conceituada como "governo do povo, pelo povo e para o povo", afirmada pelo voto livre, universal e consciente, regida pela autonomia e colaboração dos três Poderes, voltada para a igualdade fundamental de direitos e idênticas oportunidades de trabalho, de afirmação e promoção pessoal por parte de todos os cidadãos, voltada para o harmonioso desenvolvimento nacional, empenhada na criação de uma comunidade internacional fundada na Paz, na Justiça e na Fraternidade. Todos o sabemos, repito, e todos disso estamos convencidos. Nem todos, porém, o temos proclamado. Nem todos o temos defendido. Nem todos temos sofrido pelos elevados ideais humanísticos e democráticos, característicos da civilização ocidental. **O Estado de S. Paulo** tem, a seu crédito, tudo isso: convicções profundas, coragem intemerata para publicar e momentos de incompreensão, de cerceamento, de exílio, até, para sofrer por esses ideais.

Deus ilumine os maiores responsáveis por instrumentos tão formidáveis de informação e formação de nossa opinião pública. Deus confirme no amor e serviço de tão transcendentes causas — o Homem, a Verdade, o Direito, a Justiça Social, a Fraternidade e a Paz — a Família Mesquita e o magnífico corpo de colaboradores que reuniu: diretores, redatores, pessoal devotado à coleta de informações, à reflexão sobre os acontecimentos, à impressão e circulação dos jornais, da emissora e da agência que honram São Paulo e o Brasil no atual cenário do jornalismo latino-americano e mundial!"

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030319